

GUDRUN BURKHARD

VIVÊNCIAS ESPIRITUAIS NA BIOGRAFIA VOLUME II



SUMÁRIO

I. PREFÁCIO	10
II. INTRODUÇÃO E AGRADECIMENTOS	12
III. O PORTAL DO NASCIMENTO E A PRÉ-NATALIDADE	15
1. Dar à Luz	16
2. Momento do Nascimento	21
3. Vivência de Maternidade	22
4. O Sinal do Céu	27
IV. IDADES ESPECIAIS NA BIOGRAFIA HUMANA QUE PODEM FACILITAR VIVÊNCIAS ESPIRITUAIS ATÉ 42 ANOS	30
1. O Nono Ano de Vida	40
1.1 Rubicão – 9 anos	41
1.2. Primeira Vivência	42
1.3. Natal no Mundo Espiritual	44
1.4. Relato da Vivência com um Ser Espiritual	46
2. O 1º Nodo Lunar	47
2.1. Vivências Espirituais – Anjo	48
2.2. A crise dos Talentos	49
2.3. A Cerca	50
2.4. Vivência Espiritual com a Morte e sua Metamorfose	54
2.5. Vivência de Limiar	59
2.6. Um Relacionamento Inesquecível	60
V. IDADES ESPECIAIS NA BIOGRAFIA HUMANA APÓS 42 ANOS	63
VI. AS HIERARQUIAS CELESTES	69

VII. O CHAMADO DE CRISTIANO ROSACRUZ | 74

VIII. O ANJO DA GUARDA, O LIMIAR DO 2º. NODO LUNAR, VIVÊNCIAS CRÍSTICAS E VIVÊNCIAS DE CURA | 76

1. Vivência com o Anjo da Guarda e o Limiar do 2º. Nodo Lunar | 76
2. Vivência com o Anjo e Limiar do 2º Nodo Lunar | 77
3. Vivência Espiritual | 79
4. Vivência com o Anjo | 79
5. Vivência Crística | 80
6. Vivência Crística | 81
7. Vivência de Pentecostes ou Vivência do Cristo | 81
8. Vivência Crística | 83
9. Vivência Crística | 83
10. Vivência de Limiar | 84
11. Vivências de Cura - A Ponte (Vivência com a Força Crística) | 85
12. Visitas Médicas | 87

IX. ENCONTROS | 89

1. Aventura no Peru | 89
2. Vivência | 96
3. Encontros Carmicos | 97

X. O PORTAL DA MORTE | 99

1. Sacerdotisas do Além | 102
2. Vivência da Morte | 103
3. A Morte de meu Pai | 105
4. Vivência de Passagem - Três Presentes do Anjo | 106
5. Uma Presença Suave e Delicada como a Luz | 107

6. A Ponte Invisível que L. Atravessou	108
7. Um Perfume de Rosas Chegou à Terra Quando Ela Partiu	110
8. A Resposta	111
9. Vivência da Morte	112
10. Como Perdi o Medo da Morte	113
11. Vivência da Morte	114
12. Minha Relação com os Mortos	116
XI. SERES ELEMENTARES E SUA ORIGEM	118
1. Vivência com Seres Elementares	122
2. Milagre do Natal	123
XII. A ALMA DE GRUPO DOS ANIMAIS	124
1. Dia dos Pássaros	126
XIII. AS ALMAS DE GRUPO DOS VEGETAIS	138
XIV. OUTRAS VIVÊNCIAS	149
1. Vivência Espiritual na Cordilheira dos Andes	149
2. Uma Vivência Especial	151
3. Visita à Lagoinha	152
4. Vivências de Trabalho	153
5. Vivência	156
6. Vivência	157
7. Vivência	158
8. Vivência	160

XV. O SONO E OS SONHOS | 162

- 1. Os dois Portais do Sono: Adormecer e Acordar | 169
- 2. O Sonho e sua Dramaticidade | 172
 - 2.1. Sono - Adormecer | 174
 - 2.2. Sonho de Acordar | 174

XVI. DÉJÀ VU | 176

- 1. Vivência | 176
- 2. Vivência | 177
- 3. Durante uma Tarefa | 178
- 4. Vivência | 179
- 5. Vivência em Londres | 179
- 6. Vivência na Inglaterra | 181
- 7. Vivência em Éfesos - Sonho de Infância | 182
- 8. Pré-visão | 182
- 9. Pré-visão | 183

XVII. ESTRELADA | 184

XVIII. PÓS-ESCRITO | 186

I. Prefácio

Caro leitor.

A proposta deste livro é a de despertar em você a pesquisa individual, a busca pelas vivências espirituais em sua biografia.

Quando começar esta busca, você descobrirá que vão surgindo cada vez mais memórias, algumas que estavam totalmente esquecidas; é um encontro com você mesmo (a) que lhe preencherá de alegria e gratidão, que lhe mostrará que a vida é uma grande composição musical cujo maestro, nem sempre, é você. Existe toda uma regência cósmica e esses regentes, as hierarquias celestes, interferem em sua vida em situações especiais, em momentos, às vezes, extremamente difíceis, mas para os quais você pode olhar com gratidão se estiver desperto.

Como podemos lidar com as vivências espirituais? Vejamos algumas citações de Rudolf Steiner:

“ Eu era rigoroso em meus pontos de vista, segundo os quais, em nossos tempos, a visão nos mundos espirituais teria de viver na alma da consciência.

Eu olhava para uma antiga cognição espiritual da humanidade. Ela tinha um caráter onírico. O ser humano enxergava imagens em que o mundo espiritual se revelava. Porém essas imagens não eram desenvolvidas em plena reflexão, por meio da vontade cognitiva; elas surgiam na alma humana dadas pelo Cosmos, como sonhos. Essa antiga cognição espiritual se perdeu na Idade Média. O ser humano está adquirindo a alma da consciência. Ele já não tem sonhos de reconhecimento; chama as ideias para dentro de sua alma em plena reflexão, por meio da vontade cognitiva.

Essa faculdade é vivenciada primeiramente pela cognição do mundo sensorial, e alcança seu auge como cognição sensorial no âmbito da Ciência Natural.

A tarefa de uma cognição espiritual é, em atitude de reflexão e por meio da vontade cognitiva, trazer ou aproximar a vivência da ideia do mundo espiritual.

O sujeito cognoscente tem, assim, um conteúdo anímico que é vivenciado tal qual sucede ao matemático. Ele pensa como um matemático, mas não se pensa em números ou figuras geométricas; pensa em imagens do mundo espiritual. Aqui ele está – em contraposição à cognição espiritual antiga, onírica – totalmente consciente no mundo espiritual.¹”

¹ HILDESHEIM, Johann v., *Die Legende von den Heiligen Drei Königen*, p. 166.

II. Introdução e Agradecimentos





III. O Portal do Nascimento e a Pré-natalidade

Um ser espiritual que vem para a Terra, uma individualidade que nasce, prepara sua encarnação terrestre por muitos anos, escolhendo os pais que possam lhe dar a corporalidade, a educação e a cultura adequadas para que este ser possa expressar-se na Terra. Por volta de três semanas após a fecundação, a individualidade permeia o gérmen embrionário e começa a moldá-lo, estruturá-lo a partir de dentro.

Algumas mães sentem a aproximação desse ser, de uma individualidade, antes mesmo da fecundação, chegam até a sonhar com o nome ou o sexo da criança, mesmo antes da tecnologia do ultrassom criar a possibilidade de identificação do sexo do bebê.

Cada criança tem sua “hora de nascimento”, a configuração das estrelas naquele exato momento: ela indicará certos dons e desafios a serem desenvolvidos e vividos, impressos como um selo no horóscopo do nascimento. Esta configuração não representa qualidades determinantes para a vida, mas características potenciais, algo que pode ser desenvolvido; elas são resultantes de uma vida passada e de sua elaboração entre a morte e um novo nascimento.

Assim, a “hora do nascimento” tem uma profunda razão de ser, embora hoje em dia, o momento do nascimento seja, muitas vezes, manipulado por conveniências, seja do hospital, das salas de parto, dos médicos, principalmente nas cesarianas com hora marcada ou da própria parturiente. Atualmente se sabe que a passagem pelo canal vaginal tem importância fundamental, tanto pela própria vivência da criança na passagem por um canal estreito para chegar à luz, como por fatores imunológicos, pois as bactérias do canal vaginal são acolhidas, criando a possibilidade de formação dos primeiros anticorpos contra infecções, de defesas em relação ao meio externo.

Gabriel é o Arcanjo guardião dos nascimentos. Ele aparece à Maria na anunciação (v.fig.1), também aos pastores. A familiarização com este

Arcanjo pode ajudar as mães a terem um bom parto. A observação da imagem da Madona Sistina de Rafael durante a gestação pode auxiliar a correta estruturação física do bebê.

Antigamente, as fecundações aconteciam durante a primavera e os nascimentos, no inverno; na época de São João, no hemisfério Sul, ou do Natal no hemisfério Norte. Assim, existia um fluxo maior de seres para a esfera etérica da Terra² na primavera; hoje as fecundações acontecem durante o ano todo.

Quando levamos em consideração o longo período de preparo necessário para a encarnação de uma individualidade, podemos nos perguntar o que acontece quando existem abortos. Esses seres, que já estão presentes na esfera etérica da Terra, precisam aguardar outra oportunidade para se encarnar, devem permanecer por um período de tempo mais ou menos longo na esfera etérica até que se apresente uma nova possibilidade de fecundação. Este tempo de espera não ultrapassa um ano. Desse ponto de vista, a questão do aborto não representa apenas ‘a interrupção de uma vida’ em desenvolvimento, mas que consequências esse ato terá sobre a individualidade. Algumas vezes, estas crianças se sentem como ‘estranhos no ninho’ em relação à família ou apresentam desajustes, embora outras se adaptem sem problemas.

1. Dar à Luz

N.M.P

Desde pequena eu sonhava ser mãe, passar pelo processo todo da gestação mas, principalmente, em vivenciar o parto...

Tive uma gestação muito tranquila; idealizava ter um parto natural, pois fazia todo sentido para mim dar à luz da forma mais genuína e fisiológica pela qual os seres vêm ao mundo. Antes mesmo de ter vivenciado a experiência, achava que toda mulher deveria ao menos tentar passar pelo processo do parto normal. O alto número de cesarianas desnecessárias que são realizadas é algo que me assusta e entristece. De um lado, a mulher que perde a chance de ligar-se ao arquétipo do feminino e de passar por um portal de limiar e, de outro, o médico deixa de exercer sua função mais primordial, a de ‘obstare’, ou seja, ficar ao lado.

² Esfera etérica da Terra: camada que envolve a Terra até o limite dado pela Lua, também denominada na Antroposofia de esfera lunar.

Incomoda-me o fato recorrente de muitos médicos ‘mentirem’ para suas pacientes, seja oferecendo informações insuficientes, por padrão cultural ou por pura conveniência financeira e, com isso, excluïrem a oportunidade das próprias mulheres decidirem sobre seus corpos, suas vidas, seus partos, suas histórias. Sempre acreditei que elas deveriam ter a opção de escolher como desejavam parir; no entanto, percebi que nem isso lhes é garantido.

Para que meu sonho pudesse tornar-se realidade, era necessário buscar profissionais verdadeiramente comprometidos com a capacidade da mulher de parir naturalmente.

Fiz um trabalho interno bastante profundo para lidar com a frustração, caso uma cesariana de emergência fosse necessária. A data provável do parto era 2 de janeiro. Passamos o natal e o réveillon na expectativa de que nossa “luz” pudesse chegar a qualquer momento. Mas as festas de final de ano passaram sem qualquer sinal de nossa filha. Ela estava muito bem, obrigada, em meu ventre. Os familiares a nosso redor começaram a ficar aflitos e ansiosos. Por orientação de nossa querida obstetra Natália, ‘entramos numa bolha’ para nos proteger da ansiedade e aflição alheias. Havíamos optado por esperar a hora que o bebe quisesse chegar. Tanto eu, quanto meu companheiro G., estávamos tranquilos e certos de nossa escolha. A tranquilidade e a calma foram a tônica não somente na gestação, como também no dia do parto.

Estava na 41ª semana de gestação e passeava com minha mãe pelas lojas da Vila Madalena à espera do horário da consulta com Vilma, minha estimada enfermeira obstetra. Enquanto minha mãe experimentava sapatos, dei-me conta de que em cerca de 15 minutos eu havia ido algumas vezes ao toailete... algo parecia diferente. Perguntei à minha mãe como era quando a bolsa rompia e ela disse: “Ai, N., não me lembro, já faz tanto tempo!”

Em seguida, durante a consulta com Vilma, ela confirmou que a bolsa estava com ruptura parcial e que estava se aproximando o “grande dia”. Como G. não estava em São Paulo, eu o chamei, pois nossa filha estava para chegar e eu já tinha um pouco de dilatação e contrações indolores. A orientação tanto de Vilma, quanto de Natália era de ir para casa, jantar, tomar banho e dormir. No caminho, ainda passamos pelo supermercado para comprar algo para jantarmos. Calma, eu ainda não tinha consciência do que estava por vir. Depois do jantar, tentei dormir e comecei a sentir as contrações. A meu lado, G. dormia feito uma criança, exausto do trabalho e dos estudos. Por volta das 23h senti uma forte pressão no abdômen;

agora eu tinha certeza de que a bolsa havia rompido totalmente. As contrações começaram a ficar cada vez mais intensas e ritmadas. Por volta de 1.30h, senti que já era hora de irmos para o hospital, pois as contrações estavam acontecendo quase a cada 5 minutos. Entrei em contato com Vilma que achou melhor nos encontrarmos direto na maternidade. Organizamos tudo rapidamente e fomos para o hospital, G., minha mãe e eu. No caminho, tive um mal-estar e vomitei muito. O processo de limpeza e catarse já havia começado. Cheguei à maternidade suja da cabeça aos pés. Para meu alívio e segurança, Vilma apareceu logo em seguida, pois, querendo ou não, eu me encontrava num ambiente estranho. Os exames rotineiros para a internação foram feitos e logo fui informada de que a sala de parto humanizado, a Delivery Room, estava ocupada. Isso raramente acontece mas, naquela madrugada estava. G. ficou um pouco chateado, pois tinha imaginado que poderia entrar junto comigo na banheira. Para mim, porém, isso não provocou nenhuma frustração. Eu estava ali, entregue ao que estivesse por vir e, naquele momento, pouco importava para onde eu seria levada. Tinha a certeza e a segurança que meu Anjo estava por perto e muito presente. Antes de irmos ao Centro Obstétrico propriamente dito, eu e G. ficamos numa pequena suíte. A partir de então, perdi totalmente a noção de tempo. Como havia tirado os óculos e as luzes estavam apagadas, eu parecia estar em um sonho. Havia penumbra e calma a meu redor, o silêncio da madrugada reinava. Nem parecia que eu estava em uma das maiores maternidades de São Paulo; o Centro Obstétrico estava completamente vazio e assim permaneceu por todo o tempo em que ali estivemos. Quando vinham, as contrações quase me faziam perder o fôlego, mas eu não me queixava muito, estava feliz por estar vivendo tudo aquilo, era o milagre divino. Mesmo assim, em um dado momento, cheguei a balbuciar para G.: “acho que não vou aguentar, talvez precise de anestesia”. Mas logo esqueci da necessidade de analgesia.

Sem invadir nossa intimidade, Vilma estava sempre por perto. Entrava no quarto para monitorar os batimentos cardíacos de nossa pequena, para colocar-me no chuveiro quente ou mesmo para fazer uma massagem. Por volta das 5h da manhã, Natália chegou ao hospital; primeiro, veio ver como eu estava e depois foi dar um “jeitinho” para colocar também minha mãe no Centro Obstétrico. Havíamos conversado sobre a possibilidade de ela estar presente nesse momento especial – a chegada de nosso anjinho – durante a última consulta, uma vez que sempre tivemos uma ótima relação.